



Universidade Federal  
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA - UAHis  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



# **CAMINHOS ALTERNATIVOS, DIÁLOGOS NECESSÁRIOS: O USO DO CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E CONSCIENTIZAÇÃO ÉTNICA EM SALA DE AULA**

**ALANE DA SILVA MOTA**

**ORIENTADOR (A)  
Ms. TALITA ROSA MÍSTICA SOARES DE OLIVEIRA**

**Campina Grande, Paraíba.  
Dezembro de 2018**

Prédio do CH – 5º andar. Sala: 507  
R. Aprígio Veloso, 883 – Bairro Universitário  
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG

**CAMINHOS ALTERNATIVOS, DIÁLOGOS NECESSÁRIOS: O USO  
DO CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E  
CONSCIENTIZAÇÃO ÉTNICA EM SALA DE AULA**

**ALANE DA SILVA MOTA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção do Título de especialista.

**ORIENTADOR (A)  
Ms. TALITA ROSA MÍSTICA SOARES DE OLIVEIRA**

**Campina Grande, Paraíba  
Dezembro de 2018**

**CAMINHOS ALTERNATIVOS, DIÁLOGOS NECESSÁRIOS: O USO  
DO CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E  
CONSCIENTIZAÇÃO ÉTNICA EM SALA DE AULA**

**ALANE DA SILVA MOTA**

**Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista do Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/ SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor (a) – Ms. Talita Rosa Mística Soares de Oliveira /UFCG  
ORIENTADOR (A) – PRESIDENTE DA BANCA**

---

**Professor (a) Marinalva Vilar de Lima UAHis/PPGH/UFCG  
EXAMINADORA INTERNOA**

---

**Professor (a) Michelly Perreira de Sousa Cordão UAHis/UFCG  
EXAMINADORA EXTERNA**

**Data de defesa e aprovação:**

**14/ 12/ 2018**

# CAMINHOS ALTERNATIVOS, DIÁLOGOS NECESSÁRIOS: O USO DO CINEMA COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO E CONSCIENTIZAÇÃO ÉTNICA EM SALA DE AULA

Alane da Silva Mota<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo discorre sobre a relação entre cinema e história dando enfoque ao uso deste recurso áudio visual enquanto uma ferramenta pedagógica para o trabalho da educação para as relações étnico-raciais na sala de aula. Para isto, selecionamos para discussão quatro curtas-metragens brasileiros com abordagens étnicas sobre o povo negro e afrodescendente, que debatem questões de alteridade problematizando as diferentes visões que a sociedade impõe a esses grupos e a própria visão do grupo sobre si mesmo, são eles: “*Menina mulher da pele preta: Jennifer*” (2012), “*Vista minha pele*” (2003), “*Cores e botas*” (2010), “*Dúdu e o lápis cor de pele*” (2016). Dessa maneira, visamos contribuir ao oferecer subsídios para o cumprimento da lei 10.639/03 (que regulamenta o ensino e cultura africana e afrodescendente nas escolas), na tentativa de promover uma maior conscientização étnica e crítica nas salas de aula a partir do uso do cinema, relacionando os componentes curriculares aos conteúdos trabalhados nestes curtas. Assim, pretendemos apresentar métodos para fomento da discussão e empoderamento do alunado sobre as questões étnico-raciais inerentes à diversidade sociocultural que lhe são circundantes na contemporaneidade. Para tanto, nos apoiamos nas representações de Roger Chartier (1990), nas análises de fontes históricas de Marcos Napolitano (2009) e na relação de cinema e educação proposta por Duarte (2002).

**Palavras-chaves:** Cinema, Ensino de História, Identidade negra.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura História pela Universidade Federal de Campina Grande, em 2015. Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande. UFCG (2015), especializando-se em Educação para as Relações Étnico-raciais. Professora da rede privada de ensino na Escola Village do Sol, em Campina Grande-PB.

## **Abstract**

El presente artículo discurre sobre la relación entre cinema e historia dando enfoque al uso de este recurso audio visual mientras una herramienta pedagógica para el trabajo de educación para las relaciones étnico raciales en la clase. Para esto, seleccionamos para análisis cuatro corta metrajés brasileros con abordajes étnicas sobre el pueblo negro y afrodescendientes, que debaten cuestiones de alteridad problematizando las diferentes visiones que la sociedad impone a esos grupos y a la propia visión del grupo sobre si mismo, son ellas: “Menina mulher da pele preta: Jennifer” (2012), “Vista minha pele” (2003), “Cores e botas” (2010), “Dudu e o lápis cor de pele” (2016). De esta manera, visamos ofrecer subsidios para el cumplimiento de la ley 10.639/03 (que reglamenta el ensino y la cultura africana y afrodescendiente en las escuelas) en la tentativa de promover una mayor concientización étnica y crítica en las clases a partir del uso del cinema, relacionando los componentes curriculares a los contenidos trabajados en estos cortas. Así, pretendemos presentar métodos para fomentar la discusión y empoderamiento del alumnado sobre las cuestiones étnico raciales inherentes a la diversidad sociocultural que le son circundantes en la contemporaneidad. Para anclarnos, nos apoyamos en las representaciones de Roger Chartier (1990), en el análisis de fuentes históricas de Marcos Napolitano (2009) y en la relación de cinema y educación propuesta por Duarte (2002).

**Palabras-claves:** Cinema, Ensino de Historia, Identidad Negra.

Esse artigo corresponde ao requisito final para obter título de especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais, pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Esse curso se encaixa nas políticas públicas de formação continuada<sup>2</sup> para professores, de todas as licenciaturas, que estão atuando, na rede pública de ensino regular.

A proposta deste artigo é analisar quatro curta metragens brasileiros que, abordam temáticas sobre problemáticas sociais relacionadas às questões étnico-raciais no Brasil, motivados pela falta de conscientização e representatividades negra, objetivando associar tais discursões aos conteúdos trabalhados nas aulas de história, para que sirva como subsídio pedagógico, para os professores.

Este trabalho é fruto de reflexões aprofundadas no decorrer desta especialização e nas práticas educacionais diárias, e tem como justificativa a necessidade de promover o cumprimento da lei 10.639/03 (que detalharemos mais adiante), através de novas metodologias, no caso, a utilização do cinema de curta metragem, como dinamizador dessas práticas educativas e também como fonte para a história. Por ser um suporte de ampla importância e popularização em nossa sociedade, o cinema então, se apresenta como um caminho metodológico atrativo e viável para a promoção de tais debates.

Tendo em vista que, recursos semióticos<sup>3</sup> existentes, na arte do cinema, que podem possibilitar um olhar pedagógico, que esteja além da visão geralmente “cristalizada” sobre as questões étnicas, presentes nos livros didáticos, os professores podem encontrar no cinema um suporte para trabalharem novas perspectivas acerca das diferentes realidades sociais como nos afirma Duarte (2002)<sup>4</sup>:

Saber como o cinema atua nos leva a admitir que a transmissão/produção de saberes e conhecimentos não é prerrogativa *exclusiva* da escola (embora ela tenha um importante papel a desempenhar nesse processo), mas que

---

<sup>2</sup> A formação continuada foi a uma medida educacional para formar profissionais da educação, sobre esta temática e seus desdobramentos na escola e conseqüentemente na sociedade, visto que, antes da lei 10.639/03, não havia esse enfoque étnico-racial durante a formação em licenciaturas. É também uma forma de minimizar as negligências educacionais torno da temática afrodescendente. A secretaria criada para esse fim foi a SECADI (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO), que atualmente encontra-se sem incentivos financeiros, para continuar esse trabalho cidadão.

<sup>3</sup> Vem de Semiótica: Ciência que analisa todos os sistemas de comunicação presentes numa sociedade. In: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=semi%F3ticos> (acesso em: 28/11/18)

<sup>4</sup> DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

acontece também em outras instâncias de socialização. Pensar o cinema como uma importante instância “pedagógica” nos leva a querer entender melhor o papel que ele desempenha junto àqueles com os quais nós também lidamos, só que em ambientes escolares e acadêmicos. (p.81)

Duarte, propõe o uso do cinema, salvaguardando as devidas diferenças entre o real, o histórico e a ficção. Assim, neste trabalho não propomos utilizar os recursos audiovisuais como conteúdos inteiramente teóricos, ou buscar com eles reconstruir o passado, ou a história, mas sim, atribuir por meio desse recurso, a importância sociocultural para a formação e ampliação da criticidade do aluno sobre diferentes abordagens, para que os professores possam, a partir das vivências sociais dos alunos, vivências estas que influenciam no processo de aprendizagem e na forma como cada um interpreta o mundo, construir uma interação na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo destes atores sociais, negros.

O filme é uma arte que não fala por si só, nem é responsável por reconstruir a história, por isso, para ser construído enquanto fonte de estudo, é necessário que o professor/pesquisador inquirir esta fonte com os devidos questionamentos investigativos, olhando muitas vezes para o passado com lentes e recursos do presente. No tocante a temas relacionados à história da comunidade negra, se faz importante a construção de elementos identitários que vão além das representações já instauradas do genocídio promovido pela trágica história da diáspora negra e da escravidão<sup>5</sup>, é necessário colaborar com a formação de espaços de aprendizagem histórica que evidenciem as características culturais dos povos africanos para que gerem uma nova identificação do alunado (de forma positiva e não estigmatizada), bem como do professor, com a etnia negra.

Principalmente na abordagem de conteúdos que como este remetem as diversidades étnicas brasileira, por ser uma nação que comporta a convivência multicultural em seu cotidiano social. Mas, que nas escolas por vezes falta esta abordagem, de forma crítica, nas diferentes fases de ensino, que proporcione a

---

<sup>5</sup> Acreditamos que o conhecimento sobre a escravidão é necessário principalmente, para desenvolver nos alunos o senso de humanidade e consciência de que existem reflexos deste período no nosso cotidiano, mas que as imagens desta época não sejam as únicas maneiras de o aluno conhecer o povo negro, como escravizado, subjugado e inferiorizado, pois, acreditamos que não é um desejado perfil de identificação individual, nem coletiva.

valorização da diversidade cultural e não a “cristalização” de estereótipos étnicos impostos as comunidades afrodescendentes.

O multiculturalismo brasileiro é um discurso utilizado para explicar a formação do Brasil, quando se fala sobre colonização, por exemplo, mas, na prática cotidiana da sociedade, esse conceito não se tornou identitários, por várias questões, uma delas é a influência e o poder que a mídia, branca e elitista, exerce sobre a sociedade de consumo, que ao construir um perfil social homogêneo, nega a heterogeneidade cultural, que associado a falta de conhecimento aprofundado sobre a história do país, promove a manutenção do estereótipo midiático.

As diferenças sociais, nesse panorama tendem a ser discriminadas, tornadas exóticas, negligenciadas e direcionadas a um lugar social imposto por uma cultura eurocêntrica dominante, realidade esta que precisa ser combatida através da inserção desses temas étnicos sob nova perspectiva, como nos diz Cancline:

Como compreender, sem esta participação afro, danças como o rap e muitas formas de fusão com o jazz e o rock, o tango e o huaino, configurações simbólicas que permeiam práticas sociais de tantos setores latino-americanos, o multiculturalismo da CNN e o êxito de outros programas de televisão? (CANCLINI, 2009, p.167).

A utilização de fontes audiovisuais no campo historiográfico, tem se tornado cada vez mais comum. Sobre este uso, Napolitano (2009)<sup>6</sup> defende a ideia de que toda fonte é passível de gerar dúvida no pesquisador, seja ela escrita, oral e/ou audiovisual, logo, compreendemos que a possibilidade de trabalhar com a fonte cinematográfica, surge do compromisso profissional do pesquisador e da sua erudição, que observa a fonte fílmica como mais um documento a ser esmiuçado e investigado pelo historiador, porque independente do formato que possua, a fonte necessita passar por um minucioso processo de pesquisa e construção histórica. Ele acrescenta ainda:

Nunca é demais reiterar as três possibilidades básicas de relação entre história e cinema. O cinema *na* História; a história *no* cinema e a História *do* cinema. Cada uma das três abordagens

---

<sup>6</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A história depois do papel**. In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) Fontes históricas. 2 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.



implica uma delimitação específica: O cinema *na* História é o cinema visto como fonte primária para a investigação historiográfica; **a história no cinema é o cinema abordando como produtor de “discurso histórico” e como “intérprete do passado”** e finalmente, a História *do* cinema enfatiza o estudo dos “avanços técnicos”, da linguagem cinematográfica e condições sociais de produção e recepção de filmes. (NAPOLITANO, 2008, P. 241)

Com base na citação anterior, a abordagem que utilizamos no nosso trabalho é a da História no cinema, ou seja, na qual o alunado tem a oportunidade de construir a partir das películas, discursos históricos orientados pelo professor, que tem o papel de “ensinar a ver”<sup>7</sup>, assim como ensinamos a aprender<sup>8</sup>, por meio disto, essa utilização do cinema como prática pedagógica, passa a contribuir positivamente com uma nova interpretação do passado do povo negro, que é nosso objeto.

Não há dúvida que a maior contribuição do “texto fílmico” neste caso, é a identificação do espectador com a história e os personagens, gerando nestas informações e saberes adquiridos na experiência com o cinema, que promove a sensação de representatividade. Em oposição ao perfil social, elitista e branqueado pelos padrões sociais, que muitas vezes não condiz com a realidade do aluno e por isso não gera identificação.

Outro fator que atua na relação do espectador com os filmes é a identificação, definida na teoria psicanalítica como um processo psicológico por meio do qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, de acordo com o modelo escolhido. (DUARTE, 2002, p. 70).

---

<sup>7</sup> “É tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever” (DUARTE, 2002, P.82).

<sup>8</sup> As competências educacionais que podemos encontrar, na LDB e no Documento Jacques Delors, estabelece como devem-se nortear as práticas pedagógicas, é o que Delors chama de pilares da educação, que em síntese, são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Nessa perspectiva o processo de aprendizagem não se restringe apenas aos conteúdos, mas as vivências individuais e coletiva dos sujeitos inseridos no processo.

Nessa perspectiva, o filme é para nós uma experiência sociocultural, histórica e transformadora, dadas suas devidas medidas, o cinema é a “imitação do real”, e tem a capacidade artística de aproximar o espectador/aluno do seu objeto de estudo, tornando-o menos abstrato. Cumprindo assim seu papel social e de empoderamento. Atualmente tem sido uma conquista étnica, a aparição mais constante de pessoas negras, na mídia como um todo, ocupando lugares antes negados a esse perfil de beleza.

A mídia também se beneficia com a vinculação desse perfil, principalmente em relação ao consumo, visto que é uma população como todas as outras inseridas no processo global e consumista. Destacamos como a presença em novelas, comerciais, entrevistas, capas de revistas e no cinema, tem sido positivamente mais marcante, principalmente pela popularidade dessas mídias, esse processo atua diretamente na perspectiva da representatividade<sup>9</sup>.

Não pretendemos, com esse destaque de lutas e conquistas, transparecer que a comunidade negra no nosso país ou no mundo, viva de forma igualitária, dispondo de oportunidades iguais às dos brancos, ricos e sem sofrer discriminações. Esses exemplos tem a intenção de mostrar que houveram avanços no debate sobre as relações étnicas e na conquista em acessos a direitos essenciais e básicos (que essencialmente nem deveriam ser reivindicados, por serem básicos) mas, que a realidade da massa das populações negras, principalmente do Brasil, ainda está distante de atender a um perfil de humanização plena e de cidadania, principalmente pelas relações de poder existentes, as diferenças sociais, a marginalização, que promovem a construção de estereótipos associados à raiz escravocrata e as discriminações como o racismo.

Por existir essa realidade de exclusão e discriminação, histórica e atual, contra as comunidades negras, se faz importante um curso de especialização como este, para a partir de aprofundamentos teóricos e metodológicos específicos, dar voz ao silenciamento histórico, imposto às comunidades étnicas afro-ameríndias deste país e assim fomentar as necessidades de melhoramento educacional, por meio do ensino de

---

<sup>9</sup> O filme *Pantera Negra* (2018), é um bom exemplo, para descrever, a “conquista” desse espaço midiático, por ter se tornado um marco dessa representatividade negra nas telonas, pois é a primeira vez na história do cinema (vale ressaltar que o cinema existe desde o século XIX), que o elenco de um filme conta com 98%, de atores negros, sendo este um filme que não tem como enredo, por exemplo, a escravidão ou o tráfico negreiro, ao contrário apresenta as personagens negras numa trama que envolve heroísmo, realeza, guerreiros, etc. Um prato cheio para a afirmação da identidade negra, associando-a aos lugares/espacos de poder da sociedade.

cultura afrodescendente e indígena<sup>10</sup>, nas escolas, cumprindo assim seu papel pedagógico de levar as teorias à comunidade por meio da educação e de políticas afirmativas.

Ao falar de políticas afirmativas, é importante destacar a história e efetivação da lei 10.639/03, sem a qual provavelmente não seria possível um trabalho como este. Assinada em 9 de janeiro de 2003, pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, esta lei torna obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira e africana nas escolas de ensino regular, inquirindo ainda, que este conhecimento seja abordado em sala de aula, através da disciplina de história e outras afins ao contexto histórico e social. Visando assim não apenas uma abordagem interdisciplinar, sobre as etnias que compõe a formação da nacionalidade brasileira, mas gerando conscientização e identificação social, com essas culturas.

O enfoque da lei, era destacar a influência, cultural e econômica das comunidades negras no período de colonização, porém, sem deixar esse diálogo no passado, mas, abordando as relações sociais e de poder que esse processo histórico teve e tem com a formação da sociedade brasileira contemporânea, promovendo assim, a diminuição das discriminações à essas comunidades de afrodescendentes.

A conquista de lei, também não deve ser vista como um ato isolado e de bondade ou como um remédio instantâneo. Dada a histórica discriminação sofrida pelos africanos e afrodescendentes ao longo da história do Brasil, muito pelo contrário, a lei 10.639/03 é resultado de muitas lutas cotidianas das comunidades passadas e presentes, e do Movimento Negro organizado do Brasil.

Traçaremos um breve histórico desse movimento, com o objetivo de apresentar ao leitor a resistência das ações políticas da negritude brasileira. O pesquisador Petrônio Domingues (2007)<sup>11</sup>, doutor em história pela USP, em seus estudos buscou reconstruir a trajetória do movimento negro no Brasil abordando suas fases e os fatores históricos que influenciaram, nos avanços e conquistas da população negra.

Em síntese ele divide o movimento negro em quatro fases: a primeira de 1889-1937 da primeira República ao Estado Novo. Nesta fase, o movimento negro ainda era tímido, pouco independente e não politizado, pois, barrado pelas ideias da elite nacional,

---

<sup>10</sup> No nosso trabalho, temos como foco contribuir com reflexões acerca da cultura afrodescendente, mas, a lei 10.639/03 que nos embasamos, prevê também o ensino de cultura indígena, a partir da retificação feita pela lei 11.645/08.

<sup>11</sup> DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. In: Revista Tempo, nº 23, Volume 12, 2007, pag. 100-122.

que embasadas nas das teorias eugenistas raciais<sup>12</sup>, impunha um lugar de inferioridade confirmado biologicamente aos grupos negros.

Nessa fase, houve grande participação feminina de extrema importância, além da criação da *Frente Negra Brasileira* (FNB), que vai ser considerada a principal entidade negra do Brasil, até então. A criação da imprensa alternativa nesse período, também é um fator importante para a denúncia, a resistência e maior visibilidade.

A segunda fase do movimento, corresponde ao período de 1945-1964, da Segunda República à Ditadura Militar, com retrocessos políticos e ideológicos, visto que, a ditadura proibia manifestações de ideias e promovia perseguição a grupos organizados. A negação da existência de racismo, não silenciou o movimento negro, que nessa fase continuou a praticar ações sociais, para suprir a ausência do Estado, no que tange a alfabetização de crianças negras, por exemplo.

A terceira fase do movimento negro no Brasil, está no recorte temporal, que vai de 1978- 2000, é a fase mais coerente e politizada, na qual assistimos ao debate sobre a questão do racismo<sup>13</sup>, enquanto consequência da escravidão e das teorias raciais do século XIX.

Alguns justificam que o racismo não existe, que o verdadeiro motivo das desigualdades sociais no Brasil, são as diferenças de classes. É inegável que a má distribuição de renda e as diferenças de classes são um fator determinante para a desigualdade. Mas, em contrapartida a essa afirmação, o fator cultural de inferiorização e subordinação do negro, teve grande responsabilidade pela criação de um estereótipo social do afrodescendente marginalizado, e esse perfil criado infelizmente está para além das diferenças monetárias<sup>14</sup>. Por isso, uma das principais conquistas dessa fase para o movimento negro no Brasil foi a criação da lei 7.716<sup>15</sup> de criminalização do racismo.

---

<sup>12</sup> No século XIX, o Brasil recebia muitas influências teóricas da Europa, principalmente no que diz respeito a ciência. A organização da sociedade Brasileira, foi “alvo” de análises de antropólogos, sociólogos e biólogos, que influenciados por teorias raciais, observavam a sociedade brasileira como inferior, devido ao processo de miscigenação ocorrido desde a colonização, uma das medidas para modificar o possível futuro do país, segundo essas teorias era investir no branqueamento social, que consistia no incentivo à miscigenação com ênfase na “raça” branca. Hoje ultrapassadas essas teorias contribuíram negativamente para a aceitação da população negra, gerando negação da negritude e sua interiorização da mesma no contexto social.

<sup>13</sup> Até hoje, no Brasil o racismo é negado e velado, pela população, e parte disso deve-se a falta de conscientização, valorização e identificação com a cultura negra.

<sup>14</sup> Porque quando olhamos na teia da história, essa desigualdade também tem raízes nas imposições de lugar social baseada na etnia, desses grupos marginalizados, abusados e escravizados.

<sup>15</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm)

A lei de criminalização do racismo, também foi fruto de um processo histórico. Em 1951, surgiu a lei 1390/51, conhecida como “Lei Afonso Arinos”, que proibia qualquer tipo de discriminação racial no país, mas sua aplicabilidade não demonstrava qualquer eficácia, visto que as punições não eram aplicadas,

Nesta fase ainda recebemos a influências do movimento negro internacional, como a militância e resistência de Martin Luther King, Malcon X e os Panteras Negras nos Estados Unidos. As ideias destes representantes da luta negra contribuíram para a politização das lutas contra o racismo no Brasil. Ações políticas, palavras de ordem, transformação de simbolismos, marcaram essa fase<sup>16</sup>.

A quarta fase inicia-se no ano 2000 e ainda está em curso, pois desde então o movimento continua a praticar ações, políticas e sociais, que beneficiam não apenas o povo negro, mas também a massa pobre da população, que na maioria das vezes reside em zonas periféricas, em condições denunciáveis. Estão na lista dessas ações, por exemplo, o Estatuto da Igualdade Racial (2010) e a Lei de Cotas (2012).

Na contemporaneidade o movimento negro promove o empoderamento de sua população, por meio de culturas, como o *hip hop*, que teve origem nos guetos dos Estados Unidos, mas que hoje, encontra-se bem representada no Brasil, incluindo, o *rap* (música de protesto social), o *brack dance*, os grupos de grafiteiros, o funk e os demais grupos de artes que pretendem diminuir as distancias sociais, criar consciência crítica na população (principalmente jovem) e denunciar as ausências dos direitos básicos, é um movimento em constante mudanças.

Essa demarcação cultural étnica também está presente na cinematografia nacional, como queremos apresentar neste artigo. O cinema nacional tem utilizado suas ferramentas para “recriar” a realidades e promover reflexões sociais, por meio de longas e curtas metragem.

Associando o uso dessa ferramenta midiática como embate à negligencia em relação a abordagem da história dos afrodescendentes, cristalizadas pelo livro didático, sempre numa perspectiva de oprimidos. A valorização da lei 10.639/03 na sala de aula implica na formação de cidadãos conscientes criticamente, capazes de analisarem a

---

mesmo em casos claros de discriminação. A criminalização do racismo, só vai ocorrer de fato, a partir da lei 7.716/89, escrita pelo jornalista Carlos Alberto Caó Oliveira (1941-2018), a “Lei Caó” como ficou conhecida, é de 5 de janeiro de 1989, tipificou o crime de racismo no Brasil, imprescritível e inafiançável. Essa lei detalha diversas situações do cotidiano nas quais o racismo é tipificado, em 1990 houve algumas retificações, para incluir o racismo praticados no espaço online ou incitação e apologia ao ódio contra pessoas negras.

<sup>16</sup> Foi neste momento que o 13 de maio “comemoração da abolição”, passou a ser o Dia Nacional da Denúncia Contra o Racismo. E O dia 20 de novembro passou também a simbolizar o dia da Consciência Negra, por ser a possível data da morte de Zumbi de Palmares, símbolo da luta contra a escravidão no Brasil. Diante disto, podemos perceber os frutos da ação política direta na identidade e no imaginário da população brasileira, proporcionados pela luta do movimento negro. Esses e outros discursos podem estar incorporados as práticas educativas, com o objetivo, de gerar sujeitos críticos e politizados. Para que essas comemorações deixem de ser apenas datas no calendário escolar e passem simbolizar a história viva, do povo negro.

cultura visual disponível dentro e fora da sala de aula, a partir de representações que partem de um indivíduo para outro, criarem condições de sensibilidade para diversidade étnica, “minimizando” no currículo escolar, os prejuízos causados a essa etnia, pelas relações de poder existentes e o silenciamento imposto.

Cabe a nós pesquisadores e professores, manter essas leis, que buscam a equidade algo praticante, principalmente na conjuntura política atual, que não presa por políticas públicas para as minorias. Desta forma, objetivamos promover meios para que o professor possa ampliar seu leque de recursos, criar aulas mais dinâmicas e tornar os debates menos abstratos, principalmente para os alunos que não conseguem exercitar a alteridade em relação a temas como a discriminação e a exclusão étnica.

Para isso, apresentaremos as potencialidades do uso de filmes de curtas metragens nacionais, principalmente para professores da rede regular de ensino, para subsidiar estudos e debates em sala de aula, que podem vir a somar, na formação cidadã dos alunos, no cumprimento das leis apresentadas e também na adaptação da prática pedagógica do professor aos recursos atuais (audiovisuais). Os quatro curtas escolhidos são: “Cores e botas” (2010), “Dúdú e o lápis cor de pele” (2016), “*Menina mulher da pele preta: Jennifer*” (2012) e “*Vista minha pele*” (2003).

Dentre os curtas-metragens escolhidos, apresentaremos em primeiro lugar o “Cores e botas” (2010), que tem duração de 16 min, foi dirigido por Juliana Vicente, tem como elenco principal os atores: Jhenyfer Lauren, Dani Ornellas, Luciano Quirino e Bruno Lourenço.

O filme tem como temática central o sonho de uma garota negra de nove anos, que deseja se tornar paqueta<sup>17</sup> da Xuxa, na história surge um concurso na escola que ela estuda e ela se prepara incessantemente para as audições de paquitas. A criança e sua família são de classe média alta, morram em bairro nobre, os dois filhos do casal estudam em escolas particulares, mas ser parte de uma classe abastada, não impede que sofram preconceito racial.

Logo na inscrição para o concurso de paqueta Joana (personagem principal), que é uma menina negra de 9 anos, é adjetivada por uma das professoras como exótica, por ser negra e ter cabelo crespo, a criança não tem consciência de que não se encaixa nos padrões de beleza para ser paquitas (ser branca, de cabelo liso e magra), por ser esse

---

<sup>17</sup> As paquitas eram auxiliares de palco da apresentadora de programa infantil Xuxa Meneguel, na década de 80, muitas crianças da época e até hoje, associam a apresentadora a sua infância, além de apresentadora Xuxa era cantora e gravou vários discos.

concurso a realização de um sonho. Continua no processo de seleção até ser excluída e se frustrar ao entender que o fator decisivo foi sua cor de pele.

Diante da tristeza de Joana com a reprovação no concurso, é que toda a família começa a avaliar seu lugar social, concluindo que eles são uma exceção, “privilegiada” aos papéis sociais impostos à população negra. Observando a sua volta, eles percebem que os funcionários, que os “servem”, no restaurante, em casa, os flanelinhas na rua, o porteiro do condomínio etc, são todos negros como eles, mas que eles só se sentiram iguais a essas pessoas quando sua filha não foi escolhida pelo fato de ser negra. As cenas finais do curta demonstra essa tomada de consciência por parte da família, é um trecho de cena bem introspectivo, mas fica clara para o espectador, a problemática apresentada.

O segundo curta selecionado por nós, foi: “Dúdú e o lápis cor de pele” (2016), dirigido por Miguel Rodrigues, com duração de aproximadamente 18 minutos, encenado pelos atores: Naruna Costa (Mãe do menino), Nelly Trindade (Madalena), Lúcio Correia (Dúdú), Dudu de Oliveira (Pai de Dúdú), Jally Ferrié (professora Carla) entre outros.

O enredo é o seguinte: Dúdu é um garoto negro de classe média alta, inteligente e curioso. Durante a aula de arte, a professora Carla, sugere ao menino que pinte um desenho de uma família com lápis cor da pele<sup>18</sup>, essa sugestão deixa o garoto inquieto, que retorna para casa com o questionamento de porque o lápis é cor da pele, mas não se parece com ele nem com sua família? Estende o questionamento a sua mãe, que interpreta a fala da professora como uma ofensa, na manhã seguinte sua mãe vai à escola acusar a professora de cometer racismo, o menino deixa os adultos “resolvendo/discutindo” a problemática e foge para o centro da cidade, em busca de encontrar alguém que seja da cor do lápis “cor de pele” que ele está todo temo segurando.

Dúdú caminha bastante, mas não encontra uma pessoa que seja da cor do lápis, mas na busca depara-se uma curadora de arte que identifica que o garoto está perdido e lhe explica porque as pessoas têm cores diferentes, e que esse (“lápis cor de pele”) é só o nome dado ao lápis, enquanto isso, a mãe de Dúdú e a professora saem para procurá-

---

<sup>18</sup> Atualmente esse debate está em alta principalmente, porque apropriando-se da necessidade de respeito às diferenças e conscientização, várias marcas nacionais e internacionais que produzem de lápis de pintura, criaram caixas de lápis com diferentes “cores/tons de pele”, para valorizar a diversidade étnica e ainda lucrar com a venda deste produto inserido no conceito do politicamente correto.

lo, e nessa busca ambas recordam situações nas quais presenciaram ou sofreram racismo.

A mãe do garoto recorda que seu esposo, o pai de Dúdú foi assassinado por um segurança armado, por ter sido confundido com um bandido, por ser negro e a professora Carla encontra com um ex-namorado e relembra que no passado, teve que acabar o namoro por imposição do seu pai, porque o namorado era negro e não serviria para ser pai dos netos dele, essas experiências de racismo, aparecem no curta apenas como memória das personagens, ao final a curadora de arte leva o garoto para sua escola, para entregá-lo a mãe e revela a ele que a palavra *dúdú* significa negro na língua africana *yorubá*, após essa revelação o menino deseja mais que nunca ser chamado apenas por seu apelido Dúdú, pois, agora por identificar-se com sua cor, suas origens históricas e cultural.

Esses dois curtas, trabalham problemáticas como: construção da identidade negra, conscientização de lugar social do que é ser negro no Brasil, imagens negativas do negro como exótico, por exemplo, essas são algumas questões sociais reais e sérias que podem ser problematizadas clara e dinâmica, que partem do universo infantil, e pode ser facilmente apresentado a alunos de fundamental I, sem parecer um assunto tabu.

E ainda se o profissional de educação quiser associar essa temática a algum conteúdo curricular específico, para assim legitimar o uso desse recurso extra. Pode ser utilizado por exemplo, quando os professores estão apresentando aos alunos a construção e formação do Brasil<sup>19</sup> geralmente na 2ª e 3ª série do ensino fundamental I, e assim apresentam as etnias, que formaram a população brasileira, por esse viés da inclusão.

Os curtas - metragens quando associados aos conteúdos didáticos abrem um leque de possibilidades para introduzir as questões das relações étnicas no cotidiano dos alunos de forma prática, nas séries iniciais, promovendo a conscientização, identificação entre os alunos e as personagens apresentadas, a valorização da beleza negra e a explicação de que as pessoas não são todas iguais, além de apresentar o que é de fato o racismo, principalmente para os alunos que, por não serem negros podem apresentar

---

<sup>19</sup>Comumente, esse conteúdo é apresentado de forma superficial e com distanciamento histórico (temporal) muito grande, como se os grupos estudados, não exercessem mais influências na nossa cultura cotidianamente, bem como, não fossem parte da nossa herança familiar e social.



uma maior dificuldade de se colocar no lugar do outro e ainda não compreender a dimensão desse tipo de violência<sup>20</sup>.

Além, de mostrar que a realidade do racismo, não é vivida apenas por pessoas negras pobres, como a mídia faz entender, mas, que como é visto no filme, o racismo acontece com pessoa de todas as classes<sup>21</sup>, explicar que não é porque o negro foi escravizado no passado, que ele deve carregar esse estigma, ou que tem que ser algo ruim ser negro. Outro aspecto proposto é apresentar as influências linguísticas das culturas negras, como é o caso da yorubá, na nossa linguagem, a arte como representação das questões sociais. E ainda, com essa abordagem audiovisual, despertar no professor, o olhar sensível, em relação a sua prática pedagógica e os impactos que pode exercer positiva e negativamente sobre seus alunos, como a história do “lápiz cor de pele”.

Partindo dessa perspectiva podemos promover ao alunado, a conscientização de “Tornar-se negro”, nas fases iniciais da vida, visto que, ser negro no nossa país, não está associado apenas a tonalidade da pele, mas a vários outros fatores sociais, que coexistem, criando ou negando a identidade de cada sujeito, tornar-se negro, então é um processo social, individual e coletivo, gradativo que transita pelo empoderamento, adaptação e aceitação de si. Esse processo para muitos pode vir a se concretiza apenas, com a maturidade, nessa trajetória existe muitos estranhamentos, descobertas e ressignificações, até que o orgulho de ser negro esteja acima das visões engessadas da sociedade, essas e outras reflexões estão na obra *Tornar-se negro*, de Neuza Santos (1983)<sup>22</sup>.

Os outros dois filmes selecionados por nós forão: “*Menina mulher da pele preta: Jennifer*” (2012) e “*Vista minha pele*” (2003), estes são caracterizados como média metragem, por serem um pouco mais longos que os curtas, e abordam temáticas mais densas, direcionadas as questões étnico-raciais, pobreza e também conflitos da juventude, endereçado ao público de adolescentes e jovens.

*Menina mulher da pele preta: Jennifer*, é um filme de Renato Candido de Lima, de 2012, com duração de 29 minutos. O filme conta a história de Jennifer da Silva,

---

<sup>20</sup> Uma questão inclusive de cidadania.

<sup>21</sup> Mesmo que seja, mais comum com pessoas pobres, visto que desde o processo de abolição da escravidão, as populações negras ocuparam devido a inferiorização, cargos em atividades “domesticas”, consideradas inferiores ou mal remuneradas, fazendo com que historicamente a maior parte da população pobre do nosso país seja também negra e ocupe as periferias e favelas.

<sup>22</sup> Sousa, Neuza Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**— Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, V.4.

menina de 17 anos, que estuda e faz bico como manicure, no salão que sua mãe é cabeleireira. Nas aulas de computação Jennifer altera suas fotos, branqueando, trocando o cabelo por cabelo louro e aumentando os seios, com o intuito de ficar bonita, de acordo com o padrão social de beleza. Morra na comunidade Cachoeirinha em São Paulo, mas é baiana, nascida em Macaúba, Jennifer tem o sonho de ser designer gráfica ou se formar em ciências da computação.

O curta-metragem apresenta várias temáticas a serem problematizadas na sala de aula, sobre identidade étnica, a partir da reflexão sobre a ancestralidade afro de Jennifer, debate sobre prática de bullying racista, bullying em relação ao sotaque baiano e a religiosidade de raiz africana transmitida por sua avó materna, reflexão sobre a imposição de um lugar social, nas profissões ocupadas pelos negros na sociedade, essa reflexão acontece quando Jennifer tenta uma vaga para ser caixa de supermercado e observa os traços étnicos afrodescendentes das pessoas que ocupam esses cargos e que os cabelos das mulheres são alisados afrodescendentes, são alisados, para aquisição de um “cabelo social”, digamos assim.

Problematiza também como é a vida na comunidade, as casas simples, os objetos também simples, apresentando essa realidade numa perspectiva diferenciada, por não destacar, como tem sido comum no cinema e também novelas, a periferia apenas como zona de tráfico e violências. Nessa ótica o diretor buscou apresentar a periferia como lugar comum, zona de convivência social humana e pacífica, destacando a vida da população e a valorização dos mesmos. O curta acrescenta sentimento de esperança, ao observar que numa visão histórica essas comunidades dispõem hoje de mais oportunidade do que antes, e que esses “avanços” estão associados a lutas sociais diárias, dessas populações que lutam contra o estereótipo de marginalização e que aqueles que rompem as barreiras tiveram consciência de suas heranças.

O último filme proposto para abordagem educacional analisado, chama-se: “*Vista minha pele*” (2003), de Joel Zito Araújo, este é do gênero ficcional educativo, tem duração de 24 minutos e foi patrocinado pelo CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. Esse também é muito mais viável para ser trabalhado com alunos adolescentes.

O curta-metragem tem como enredo a paródica inversão histórica da sociedade brasileira, nessa inversão os lugares sociais de poder comum a elite são ocupados pelos negros, os protagonistas das novelas por exemplo, são negros, o presidente da república é negro, os professores das escolas são negros, as escolas particulares têm muitos alunos

negros e os brancos são bolsistas, ou seja, quem assume o papel social de subalterno e oprimido, que fora da ficção foi imposto às comunidades afrodescendentes, são os descendentes de brancos.

Nessa inversão os dominados viraram os dominantes, então é do branco, o lugar da favela, da cozinha, da flanela e a sensação de não ser visto nem representado. E ainda assim, a jovem Maria (menina branca dos olhos claros e cabelo loiro) sonha em ser garota junina, mesmo não tendo o perfil de beleza da sátira, dos negros.

É um filme simples na sua produção, mas que se torna impactante pela inversão apresentada, e este impacto é causado pelas memórias históricas construídas dentro e fora da escola, desde o início do processo de socialização, que se torna consciente quando se confronta com o estranhamento, e com a proposta de colocar-se no lugar do outro, ser altruísta, é sem dúvida a principal mensagem, vestir a pele negra, é uma metáfora, para a reflexão da história e do cotidiano desses grupos no nosso país historicamente.

Também debate a questão do bullying e da hostilidade contra a menina branca, que é bolsista na escola particular, que só quem pode pagar são os negros. O racismo em torno de sua cor e do seu cabelo, na trama aparecem os brancos conformados com seu lugar na sociedade e os brancos que assim como Maria sonham com algo mais, com um mundo mais justo. Na trama ainda vislumbramos o debate sobre meritocracia e sobre cotas raciais, apresentada como necessárias, porque os brancos não teriam “capacidades cognitivas” para conseguir sozinhos.

Apresenta ainda os conflitos com o corpo e a aparência que se massificam principalmente na fase da puberdade e adolescência, principalmente por não encontrarem um referencial de beleza próximo a sua realidade, todo processo é marcado pela apresentação da amizade e da família, como fundamental para a afirmação dos sujeitos e conscientização de seu passado e de sua linhagem.

Esses dois filmes podem ser utilizados com alunos das últimas séries do fundamental II (8º e 9º ano), possibilitando ainda diálogos com o ensino médio. Podendo estar associados a conteúdos como: O Segundo Reinado, processo de abolição da escravidão, criando uma ponte com a contemporaneidade e com as consequências da escravidão para a população atual. Identificando as resistências culturais do povo negro e associando essa resistência às imagens de representatividade no presente, com o intuito de conduzir o aluno a perceber as possibilidades de uma nova história, a partir da politização e afirmação de sua etnia.

Ou ainda conectar as contribuições de Jennifer, ao conteúdo da Era Vargas, mostrando como o projeto de higienização e branqueamento social, nega a miscigenação tornando-a uma coisa negativa, romper com essa ideia, justamente buscando valorizar essa mistura étnica bem toda a cultura que se originou através dela.

Podendo ser útil ainda para debates e rodas de conversas sobre direitos sociais, direitos humanos, erotização do corpo feminino (sexualização da mulher negra), cidadania, ética, tolerância religiosa, racismo, consciência negra etc. Levando em consideração também que o papel do professor é um papel político, comprometido em tornar a sala de aula e a escola como um todo num espaço democrático, no qual não haja espaço para discriminações, subordinações de um grupo sobre outro e/ou propagação de discursos de ódio e segregação. Baseado nas legislações educacionais promovidas pela lei 10.639/03 e pelas lutas sociais cotidianas.

É a partir dessa abordagem pedagógica que propomos o uso do cinema em sala de aula, em função do conteúdo histórico e social brasileiro, para que com essa ferramenta o professor consiga promover um ensino consciente, de qualidade e ainda minimizar a distância entre o conteúdo estudado e o alunado e que haja um melhor aproveitamento da história no cotidiano das crianças e jovens e não da história como ciência que estuda o passado pelo passado, assim estabelecer relações entre o passado histórico e o presente vivenciado por todos.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo, Editora: Bertrand. Rio de Janeiro – RJ, 1990.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. In: Revista Tempo, nº 23, Volume 12, 2007, pag. 100-122.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FEITOSA, Lurdes Conde e outros (Orgs). **As veias negras do Brasil: Conexões brasileiras com a África**. EDUSC, 2012, pág. 47-78.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapa da Interculturalidade** / Néstor Garcia Canclini: tradução: Luiz Sérgio Henrique. – 3. Ed.- Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

**História da vida privada no Brasil: Império** / coordenador geral da coleção: Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro, - São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

**Lei de criminalização do racismo:**  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm) em 18/11/18.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A história depois do papel.** In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) Fontes históricas. 2 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças.: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**— Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, V.4.

#### **Referencias dos Curtas:**

*Vista* *minha* *pele:*

**[https://www.youtube.com/watch?v=m7rLDHeIK3k&ab\\_channel=MaykiraMTKMello](https://www.youtube.com/watch?v=m7rLDHeIK3k&ab_channel=MaykiraMTKMello)** (Acesso: em 10/112018, às 19:00)

*Cores e botas:*

**[https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEGyU0o&ab\\_channel=pretaportefilmes](https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEGyU0o&ab_channel=pretaportefilmes)**

(Acesso: em 10/112018, às 21:30)

*Dúdú e o lápis cor de pele:*

**[https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB8b77U&ab\\_channel=ProdutoradeFilmesTakeaTake](https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB8b77U&ab_channel=ProdutoradeFilmesTakeaTake)**

(Acesso: em 15/112018, às 14:35)

*Menina mulher da pele preta/ Jennifer:*

**[https://www.youtube.com/watch?v=eI8u4XUPzDs&ab\\_channel=RenatoCandido](https://www.youtube.com/watch?v=eI8u4XUPzDs&ab_channel=RenatoCandido)**

(Acesso: em 17/112018, às 10:15)